

ÉTICA E MORAL NO PENSAMENTO DE BAUMAN

Sérgio Ricardo Fernandes de Aquino ¹

“[...] a única maneira de compreender a verdadeira novidade do novo é analisar o mundo pela lente do que era “eterno” no velho.”

Slavoj Zizek²

RESUMO: Esse artigo destina-se a sinalizar as reflexões de Zygmunt Bauman sobre Ética e a Moral na Pós-Modernidade. Qual será a função da Ética no momento presente? É possível pensar numa moralidade sem ética? O referido autor demonstra, ao longo deste texto, a necessidade de se caracterizar a Ética na Pós-Modernidade como a Era da Moral.

Palavras-chave: Ética; Moral; Pós-Modernidade.

ABSTRACT: This article is intended to describe the thoughts of Zygmunt Bauman on Moral Ethics in Postmodernity. What is the role of ethics in the present moment? Is it possible to think of a morality without ethics? The author demonstrates, throughout this text, the need to draw Ethics in Postmodernity as the Age of Morals.

Key-words: Ethics; Moral; Postmodernity.

¹ Doutorando em Ciência Jurídica. Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: sergiorfaquino@gmail.com.

² ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 19.

Introdução

A vida apresentada pelas promessas da Modernidade saturou. O refugio humano encontra-se em todos os lugares, desde o local ao mundial. Não basta tão somente ignorar a situação e seguir adiante com a rotina da individualidade. O momento presente demanda outras possibilidades de se con-viver nas quais não podem ser impressas em códigos ou mandamentos, determinando-se uma lista de deveres nas quais se indica o que se pode ou não fazer.

As relações humanas não podem ser contidas em regras. Aquelas não se esgotam na fórmula moderna do *dever-ser*. O aparente vazio axiológico³ que se percebe na passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade se caracteriza pelo adiamento das conseqüências produzidas pelas ações de todos com todos. Postergam-se ao futuro longínquo os efeitos de compreender o Ser humano na sua complexidade cotidiana.

Sob semelhante argumento, as promessas institucionalizadas pela Idade Moderna tornam-se imortais. Delega-se a responsabilidade das nossas escolhas morais para as autoridades que possuem o conhecimento específico sobre o tema – Ética – a fim de se determinar para cada Homem e Mulher quais fenômenos são “bons” e “maus”, bem como avaliar, de modo estratégico, qual a “escolha correta” a ser empreendida. Não existem custos, angústias, dúvidas ou incertezas. A garantia de manutenção da convivência é infalível. Será?

Bauman esclarece as distinções entre a “Era da Ética” – Modernidade – e a “Era da Moral” – Pós-Modernidade, a fim de se compreender um pouco mais outras perspectivas de convivência humana as quais não são “novas”, mas precisam empreender seu caráter pedagógico de rememorar àqueles que não sabem se, diante do abismo, atira-se para um caminho sem retorno ou, ao observar sua profundidade, podem refletir sobre o que significa “ser-junto-com-o-Outro” e descobrir sua humanidade.

O critério metodológico utilizado para essa investigação e a base lógica do relato dos resultados apresentados⁴ reside no Método Indutivo. Na fase de Tratamento dos Dados⁵, utilizou-se o Método Cartesiano⁶ para se propiciar indagações sobre o tema e a

³Axiologia, sob o ângulo da Filosofia, significa o estudo dos valores.

⁴PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática**. 11. ed. Florianópolis: Conceito Editorial/Millennium, 2008, p. 87.

⁵PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática**. p. 83.

⁶PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática**. p. 87/88.

necessidade de se formular a caracterização da Ética e a Moral na Pós-Modernidade, conforme o pensamento de Bauman.

O problema desta pesquisa pode ser descrito na seguinte indagação: O que é a Ética e Moral na Pós-Modernidade a partir do pensamento de Bauman. A hipótese para essa pergunta desvela-se na responsabilidade moral incondicional na qual cada Pessoa exerce por meio de suas atitudes “junto-com-o-Outro” na vida de todos os dias. A matéria prima da Ética é o “fundamento não-fundado”, ou seja, a ambivalência da Moral.

As técnicas utilizadas nesse estudo serão a Pesquisa Bibliográfica⁷, a Categoria⁸ e o Conceito Operacional⁹, quando necessário. Outros instrumentos de Pesquisa, além daqueles anteriormente mencionados, poderão ser acionados para que o aspecto formal desse estudo se torne esclarecedor ao leitor. Para fins deste artigo, buscou-se, também, outros autores que apresentam diferentes percepções sobre o tema para elucidar o(s) significado(s) e contexto(s) de determinadas categorias apresentadas nesta pesquisa.

1. O império da ética na modernidade

A categoria Ética, segundo o pensamento de Bauman, não consegue tornar efetivo o seu projeto racional de tudo prever e prescrever. A arquitetura da função ética foi o de transformar o pecado da Idade Média na culpa descrita pela Razão Lógica e expiá-la¹⁰. Os mandamentos éticos possuem a autoridade necessária para impor o que deve ser feito, de modo igual, por todos. A Ética na Modernidade é uma regra capaz de enunciar quais condutas são possíveis ou não dentro de um grupo a fim de manter sua coesão e promover a convivência. Trata-se de um projeto universal(izável).

Na descrição de Bauman, o que é, afinal, a Ética? Essa categoria designa o esforço da Idade Moderna em antever e prescrever, com maior grau de certeza, a ocorrência de determinados fenômenos e diminuir, ou eliminar, as alternativas de

⁷[...] Técnica de investigação em livros, repertórios jurisprudenciais e coletâneas legais. PASOLD, Cesar Luiz. **Prática da pesquisa jurídica e metodologia da pesquisa jurídica**. 10. ed. Florianópolis: OAB-SC editora, 2007, p. 239.

⁸[...] palavra ou expressão estratégica á elaboração e/ou expressão de uma idéia. PASOLD, Cesar Luiz. **Prática da pesquisa jurídica e metodologia da pesquisa jurídica**. p. 31.

⁹[...] uma definição para uma palavra ou expressão, com o desejo de que tal definição seja aceita para os efeitos das idéias que expomos [...]. PASOLD, Cesar Luiz. **Prática da pesquisa jurídica e metodologia da pesquisa jurídica**. p. 45.

¹⁰“A promessa de uma vida liberta do pecado (agora renomeado como culpa) foi tão somente o projeto de refazer o mundo à medida das necessidades e capacidades humanas, de acordo com um projeto concebido de modo racional.”. BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 12.

resolução para essas dificuldades¹¹. Numa expressão: na medida em que surge a dificuldade, ter-se-á apenas uma resposta para sua solução. Essa resposta precisa ser enunciada (senão, imposta) pela autoridade ética a partir do conhecimento o qual é guiado pela Razão Lógica.

O edifício da Ética proposto pela Modernidade elabora cada alicerce a partir daquilo que as suas autoridades prescrevem como verdades. O poder desses peritos é legislativo e judiciário ao mesmo tempo¹². As condutas humanas serão julgadas como aptas ou não conforme a previsão da norma ética. Os mencionados especialistas – reitera-se – são capazes de tornar universais as condutas éticas porque dispõem de um conhecimento no qual a pessoa comum não tem. O homem da vida de todos os dias não tem capacidade intelectual para orientar suas próprias ações. Não conhece o “bom” para disseminar o “bem”.

Essa depreciação dos deuses olímpicos sobre a incapacidade das pessoas escolherem o que é mais razoável para suas vidas tem significado, qual seja, a de que os seus juízos éticos não sejam fundamentados, em outras palavras, não podem ser racionalmente demonstráveis, quantificáveis ou mensuráveis. A não-racionalidade, a ausência da Razão Lógica a fim de tornar sólido, oficial e obrigatório uma conduta para todos implica na necessidade de pessoas especialistas a fim de iluminar as mentes e direcioná-las a algo “bom”. Por esse motivo, conclama-se aos peritos em uníssono: Salvem-nos da angústia e ambivalência de nossas decisões pessoais. Digam-nos o que é o “bom” a partir da tábua rasa de nossas obrigações.¹³

O “aparente” abandono sobre a escolha de nossas decisões e delegar essa tarefa para as “agências supraindividuais”, aos gestores éticos, já produziu desastres históricos, tais como a Segunda Guerra Mundial. Naquele momento, procedimentalizou-se, de modo racional, a indiferença, estampando-a como “normal” ou “racional”. Não havia espaço para reflexão pessoal sobre o que se mostrava como razoável. Essa ação pertencia apenas aos peritos. A eficiência, precisão das normas racionais e a especificação de seus papéis, rememora Bauman, permitiu que a violência fosse autorizada e as vítimas desumanizadas, especialmente por definições e doutrinas

¹¹BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman**: diálogos com Keith Tester. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 54.

¹²BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. p. 22.

¹³“[...] A impotência ética dos leigos e a autoridade ética dos peritos explicam-se e justificam -se mutuamente. E o postulado de uma ética ‘devidamente fundamentada’ suporta-as. BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. p. 23.

ideológicas¹⁴. Eis a negação de autoridade à consciência moral¹⁵. No intuito de se ilustrar a afirmação anterior, veja-se o comportamento de Ohlendorf na descrição de Bauman:

[...] Quando instado a explicar, no julgamento de Nuremberg, por que não renunciou ao comando *Einsatzgruppe* cujas ações pessoalmente desaprovava, Ohlendorf invocou precisamente este senso de responsabilidade: se expusesse as ações de sua unidade para se ver livre de obrigações que, garantiu, o indignavam, estaria deixando que seus homens fossem ‘erroneamente acusados’. Obviamente, Ohlendorf esperava que a mesma responsabilidade paternalística em relação a ‘seus homens’ seria praticada por seus superiores para com ele; isso o eximia da preocupação com a avaliação moral de suas ações, que poderia com segurança deixar a cargo dos que o comandavam.¹⁶

Entretanto, eis o paradoxo: segundo o pensamento do autor anteriormente citado, não existe a necessidade de orientar o nosso modo de agir conforme padrões determinados. Os códigos de éticas nem sempre são lembrados porque a maioria comporta-se (e decide) segundo o hábito e a rotina, desde que nenhuma pessoa dificulte (ou impeça) de se fazer o “usual”.¹⁷ Desse modo, percebe-se que os especialistas são as pessoas nas quais não podem prescindir de argumentos coerentes, de fundamentos racionalmente explicáveis e garantias infalíveis a fim de preservarem seu *status* na dinâmica social¹⁸. Nesse cenário, indaga-se: esses peritos compreendem, de modo adequado, o que é Ética? Será que, na ausência dessas pessoas, não seríamos capazes de descobrir meios acerca de como deveríamos nos portar diante do Outro, de nos caracterizar como “pessoas verdadeiramente morais e decentes”¹⁹? A resposta, quando não observada pela nossa responsabilidade, pode ser contemplada na sugestão de Bauman:

[...] Cedo ou tarde, começaremos a procurar intensamente e por nossa própria vontade uma orientação confiável de ‘pessoas do saber’. Se pararmos de confiar em nosso próprio julgamento, iremos nos tornar sensíveis ao medo de estar errados; chamamos o que receamos de pecado, medo, culpa ou vergonha – mas, seja qual for o nome, sentimos a necessidade da mão útil do perito para nos trazer de volta ao conforto da segurança. Trata-se de um medo tal que se amplia a dependência da especialização. Contudo, uma vez que ela se estabeleceu e fincou raízes, a necessidade de especialização ética torna-se ‘autoevidente’ e sobretudo autorreproduzida.²⁰

¹⁴BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 41.

¹⁵BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. p. 41.

¹⁶BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. p. 42. Grifos da obra original em estudo.

¹⁷BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. p. 23.

¹⁸BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. p. 24.

¹⁹BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. p. 24.

²⁰BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. p. 42. Grifos da obra original em estudo.

A última frase da citação anterior revela uma preocupação aguda. Quando se delega a decisão de nossas escolhas ao perito em Ética por não se saber lidar com a ambivalência, incerteza ou dúvida desse tipo de ação, retorna-se, muito rápido, para a segurança da autoridade na qual está mais capacitada a decidir o destino do homem comum. Esse é o início da erosão nas relações humanas e a “produção em massa” da indiferença na qual se dissemina como cenário “normal” na vida de todos os dias.

Os argumentos observados mostram como a Ética na Idade Moderna inaugurou novos modos de se criar ordem e segurança diante do passado na qual ainda estava à espreita. A ânsia de se libertar dos grilhões impostos pelo Deus do Cristianismo a partir da Razão é a garantia de um futuro promissor. Na medida em que a arquitetura ética prescreve novos modos de agir, o reino do *dever-ser* se torna mais autoevidente, ou seja, sem esses alicerces cujos fundamentos podem ser demonstráveis, calculados e previstos, a Ética seria tão somente mais uma opinião pessoal na qual sua autoridade seria destronada pelo reino da objetividade e universalidade.

Entretanto, é possível que a Ética seja sempre fundamentada pela Razão? Se a resposta for positiva, e sob semelhante argumento, a Moral pode ser explicada a partir desses critérios capazes de controlar, ou conter, o “mal” e disseminar o “bem”? O núcleo dos fenômenos éticos – A Moral - é mais caótico²¹ que a luz branca irradiada pela beleza de sua estrutura lógica.

2. A moral na pós-modernidade

A condição ética da Modernidade tudo explica, tudo prevê, tudo controla. Esse é o modo como a homogeneização das condutas se torna universal, descontextualizando-se tempo, espaço e cultura. Esse “império” se destina a salvar todos de seus medos e angústias, mas, também, criam outros novos os quais todos se tornam seus reféns. A fundamentação racional acerca da Ética é terreno ambivalente porque a sua base é caótica, não pode ser explicada ou contida: bem vindos ao (pantanosos) mundo da Moral.

A referida categoria, conforme o pensamento de Bauman, pode ser vislumbrada a partir da indagação comumente realizada: Por que devo ser moral? O que me torna –

²¹“[...] Ser caótico é estar desprovido de estrutura – se ‘estrutura’ significar uma distribuição assimétrica de probabilidades, uma não aleatoriedade dos eventos. [...] O caos é o que há de mais aterrador para as promessas acenadas pela rotina do estabelecido. A sociedade é uma fuga do medo, mas também é o solo fértil desse medo, e dele se alimenta, é dele a garra com que ela nos detém e extrai a sua força. BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. p. 25-27.

ou melhor, obriga a ser - responsável pelo Outro? Essa pergunta se torna mais acentuada na medida em que se observa a liquefação²² da Modernidade no período histórico denominado Pós-Modernidade.

Esse momento da História anteriormente citado demonstra como as promessas estáveis, sólidas, na Modernidade se tornaram líquidas. O projeto de vida desenhado pela Razão Instrumental²³, aos poucos, se torna saturado e demanda outras viabilidades de convivência. Se essa criação utilizar os parâmetros enunciados pela Ética da Modernidade, o medo, a angústia, a dúvida, a insegurança ampliarão seus domínios caracterizados como “medo” ao invés de ponto de transformação. No momento em que se “enfrentar o não-enfrentável”²⁴ o véu posto diante de todos rasga e cai.

Por esse motivo, Bauman denominou a Ética na Pós-Modernidade como a “Era da Moral”. Esse fundamento nuclear dos fenômenos éticos não consegue ser exaurido dentro de normas precisas e calculáveis. A Moral, para o referido autor, não pode ser demonstrada tampouco logicamente deduzida. A mencionada categoria é contingente, ambivalente, incontível. É a única autoridade capaz de orientar os seres humanos para a compreensão de si, pois flui na incerteza do desejo²⁵. Vejam-se as palavras do citado autor sobre sua advertência ao fenômeno moral:

Se não houver essa força e essa autoridade, os seres humanos estarão abandonados ao seu próprio juízo e à sua própria vontade. E estes, como os filósofos argumentam e os pregadores tentam fazer com que as pessoas entendam, podem dar à luz apenas o pecado e o mal; como os teólogos nos explicaram de forma tão convincente, não se pode confiar neles para produzir com comportamento correto ou fazer passar um julgamento correto. Não pode haver algo como uma ‘moral eticamente infundada’; e uma moralidade ‘autofundada’ é, gritante e deploravelmente, algo infundado do ponto de vista ético. De uma coisa podemos ter certeza: não importa quanta moralidade haja ou possa haver numa sociedade que tenha reconhecido estar sem chão, sem

²² “[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas por um momento. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa.”. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 8.

²³ Horkheimer rememora os efeitos produzidos pela referida expressão: “A redução da razão a um mero instrumento afeta finalmente até mesmo o seu caráter como instrumento. O espírito antifilosófico que é inseparável do conceito subjetivo de razão, e que na Europa culminou com a perseguição totalitária aos intelectuais, fossem ou não os seus precursores, é sintomático da degradação da razão. Os críticos tradicionalistas e conservadores da civilização cometem um erro fundamental quando atacam a civilização moderna sem atacarem ao mesmo tempo o embrutecimento que é apenas outro aspecto do mesmo processo. O intelecto humano, que tem origens biológicas e sociais, não é uma entidade absoluta, isolada e independente. Foi declarado ser assim apenas como resultado da divisão social do trabalho, a fim de justificar esta última na base da constituição natural do homem.”. HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2000, p. 61.

²⁴ BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. p. 31.

²⁵ BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. p. 32.

propósito e diante do abismo atravessado apenas por uma frágil prancha feita por convenções, ela pode apenas ser uma *moral eticamente infundada*. Como tal, é e continuará a ser incontrolável, imprevisível. Ela se constrói, da mesma maneira pode se desmontar e se reconstruir de outra forma no curso da *sociabilidade* [...].²⁶

A partir desse cenário, a Moral pode ser observada a partir de dois critérios: a) sua ambivalência; b) sua responsabilidade e proximidade. A referida categoria torna-se o “fundamento não-fundado”²⁷ na qual constata-se a ausência de qualquer argumento “primordial”, anterior à Moral. Pode-se, inclusive, indagar que anterior à Moral aparece o “Ser” sob o ângulo da Ontologia²⁸, porém não é possível reduzir a existência alheia ao *self* moral pela descrição indiferente – e vazia – do “Ser”²⁹.

No momento em que o Outro surge diante do “Eu”, não existem fundamentos ou justificativas razoáveis que expliquem minha obrigação de cuidado com Outrem. É na relação com o desconhecido, no “ser-junto-com-Outro” no qual se desvela minha humanidade. O caminho da ambivalência desenha a cartografia de minha responsabilidade e não a exaure numa lista finita de obrigações.

A ambivalência retrata o caráter fragmentário da vida. É a incerteza produzida pelas nossas percepções sobre o que é – ou venha a ser – razoável e irrazoável. Essas “consequências não-antecipadas”³⁰ mostram a necessária ponderação na qual precisa ser realizada a fim de compreender o trânsito entre os aspectos “dicotômicos” da vida. A ambivalência denota a ausência de uma resposta pronta, infalível para que as nossas angústias e tormentos sejam eliminados e se retorne ao afago e segurança dos enunciados éticos proposto pelos códigos ou os seus especialistas.

O caminho a ser percorrido para se desenhar a Moral é tortuoso, não existem atalhos os quais possibilitem um rápido percurso. Fechar os olhos e se tornar indiferente

²⁶BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. p. 32/33. Grifos da obra original em estudo.

²⁷BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 89.

²⁸“Se a ontologia – compreensão, amplexo do ser – é impossível, não é porque toda a definição do ser supõe já o conhecimento do ser, [...]; é porque a compreensão do ser em geral não pode *dominar* a relação com Outrem. Esta comanda aquela. Não posso subtrair-me à sociedade com Outrem, mesmo quando considero o ser do ente que ele é. A compreensão do ser exprime-se já no ente que ressurgue por detrás do tema em que ele se oferece. Este ‘dizer com Outrem’ - esta relação com Outrem como interlocutor, esta relação com um *ente* – precede toda ontologia, é a relação última no ser.”. LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 34/35. Grifos originais da obra em estudo

²⁹“[...] Numa moralidade que vem *antes* de o ser existir não há nada para justificar minha responsabilidade, e ainda menos para determinar que eu sou responsável, que a responsabilidade é minha; a determinação e justificação são traços do ser, do ser ontológico; o único ser que há, afinal. E o leitor razoável estará certo ao apontar que ‘antes do ser’ não *existe* nada, e mesmo se existisse, não saberíamos nada sobre ele de alguma forma – não da forma como ‘sabemos’ sobre ‘fatos’. [...] não existe nenhum outro lugar para a moralidade senão *antes do ser* [...]”. BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. p. 89.

³⁰BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. p. 25.

diante da vida também não é uma opção adequada. A “Era da Moral”, no pensamento de Bauman, não pode ser descrita pelo modelo “Marilyn Monroe” no qual o desapego às consequências das nossas ações perpetua um futuro dionisíaco, descompromissado, irresponsável³¹, mas é possível refletir acerca da imagem de “Peter Parker” – o Homem Aranha – a maturação, a angústia e a dificuldade de se tornar uma pessoa moral a cada escolha feita. Esse é o início da caminhada perene e dúbia de se tornar responsável.

O segundo aspecto proposto para se compreender a Moral conforme os argumentos de Bauman é a Responsabilidade. A referida categoria anteriormente citada revela a necessidade de se repersonalizar a Moral e tirá-la da couraça rígida posta pelos códigos de ética³², ou seja, trazê-la ao início do caminho ético e não promover apenas a sua finalidade, cujo caráter ganha contornos utilitaristas. Não existe Responsabilidade sem Alteridade. É na relação com a incerteza chamada Outro no qual se tece a compreensão sobre “Ser moral”.

Entretanto, adverte-se: não é uma tarefa simples. Hércules teria dificuldades de obter êxito nessa empreitada, caso Zeus impusesse essa condição. O silêncio do Outro é insuportável. É necessário provocar sua “pre-sença” a fim de sua voz tornar-se audível, mas nem sempre esse fenômeno é possível. O Outrem pode optar por não se manifestar e, nesse “não-fazer”, precisa-se encontrar o sentido infinito no qual destrona o império do “Eu”. O Outro é o horizonte moral no qual se persegue, mas que, a cada passo, se afasta. Esse é o fundamento do “Eu Moral”: “[...] um eu sempre perseguido pela suspeição de que ele não é suficientemente moral”³³. A partir desses argumentos, percebe-se que fora do contexto social não há Moral. O sedimento da Responsabilidade pela Alteridade surge com a proximidade. Para Bauman, essa última expressão citada não é a:

[...] distância superada por uma ponte, nem distância exigindo ser superada por uma ponte; não é um preâmbulo para identificação e fusão, que pode, na prática, só ser ato de sucção a absorção. A proximidade está satisfeita com o ser que ela é – proximidade. E está disposta a permanecer tal: estado de permanente atenção, venha o que vier. Responsabilidade nunca completa, nunca exaurida, nunca passada. Esperar pelo Outro para que exerça o seu direito de comandar, direito que nenhum comando já dado e obedecido pode

³¹ “[...] O mundo pós-moderno, em que as autoridades brotam sem aviso prévio, do nada, para desaparecer de imediato, também sem aviso prévio, prega *adiar o pagamento*. Se a caderneta de poupança é a epítome da vida moderna, o cartão de crédito é o paradigma da vida pós-moderna.”. BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos:** sobre a ética pós-moderna. p. 15. Grifos da obra original em estudo.

³² BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. p. 43.

³³ BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. p. 95.

diminuir.³⁴

A proximidade revela minha Responsabilidade incondicional “junto-com-o-Outro”. Trata-se de uma espera paciente no desvelar do Outro, da sua voz tornar-se audível. Todavia, essa espera precisa ser mediada conforme parâmetros humanos, pois a paciência humana também tem limites. Essa é a aporia da proximidade: o Outro se aproxima e se distancia, ao mesmo tempo. A Moral, analisada sob o ângulo da Responsabilidade e proximidade, produz antíteses intensas, tais como o amor e ódio, cuidado e diferença, entre outros. Essa é a ambivalência, o conflito humano original e que se tenta, todos os dias, delegá-la – ou eliminá-la – para que os especialistas em Ética – ou as agências supraindividuais³⁵ - digam a todos o que é “bom” e o que é “mau”.

Ser Moral, conforme o pensamento de Bauman, é legitimar, novamente, as emoções, a Responsabilidade e saber transitar, com certo grau de serenidade, no pantanoso caminho das escolhas as quais revelam – com maior ou menor grau – o nosso ir e vir entre a pluralidade de infinitos as quais se manifestam nas relações humanas momentâneas e finitas. Trata-se de uma mistura entre apreensão e esperança³⁶.

Ser moral não significa ser “bom” ou “mau”, mas lidar com as conseqüências produzidas pelas nossas ações diante – e junto com o – Outro. Segundo Bauman, “[...] significa saber que as coisas podem ser boas ou más. Mas não significa saber, muito menos saber com certeza, *quais* são as coisas boas e *quais* são as más. Ser moral significa tender a fazer certas escolhas sob condições de aguda e dolorosa incerteza.”³⁷

Esse é o desafio da Pós-Modernidade, na qual precisa ser insistente: fundar uma condição moral de vida na qual cada pessoa se torna, de modo incondicional, responsável pelo Outro. Trata-se de uma moralidade sem a presença dos códigos de ética. A presença incomoda, provocadora daquele na qual impõe limites à vontade do “Eu” ilimitado se torna, aos poucos, audível quando as relações humanas des-velam as obscuridades que cegam o Ser humano no seu caminhar para se tornar sempre mais Moral. Essa condição - insiste-se - jamais cessa, jamais se exaure. É perene e pode ser descrita como a moeda de duas faces: guarda em si a salvação ou maldição de todos. Qual dessas imagens se tornará mais duradoura, indaga Bauman³⁸? A resposta depende

³⁴BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. p. 103.

³⁵O Estado, sob o ângulo de sua função legislativa, pode ser citado como exemplo.

³⁶BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. p. 44.

³⁷BAUMAN, Zygmunt. *Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester*. p. 56.

³⁸BAUMAN, Zygmunt. *A vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. p. 18.

das nossas escolhas morais de todos com todos.

Por esse motivo, retorna-se à pergunta realizada no início deste tópico: Por que devo ser Moral? A resposta não é tão simples. A Moral não se justifica, mas existe no momento que há outra pessoa. Na relação com o Outro, desvenda-se minha responsabilidade incondicional. Descobre-se o íntimo significado de humanidade. Esse é o “fundamento” no qual precisa aparecer desde o início de uma elaboração Ética que não se exaure em mandamentos, mas se desenvolve nas incertezas morais, consolidadas pela Responsabilidade e proximidade entre cada horizonte infinito manifestado no terreno da existência.

Considerações Finais

O cenário mundial revela descrença frente ao Ser humano. Não existem mais esperanças capazes de animar as utopias do devir. A profundidade e o silêncio do abismo soam como panacéia aos tormentos de Ser humano. A escolha de minhas decisões é incerta e não pode ser controlada. De que modo é possível determinar, com precisão, o que é o “bom” e o “mau”? Toda escolha na qual se direciona para o “bom” trará “bons resultados”? Ser moral significa ser “bom”? Como é possível “Ser Moral”? Como se diferencia a Ética da Moral? As perguntas não param de aparecer e, segundo esse cenário, precisar-se-ia de um especialista nessa vertente do conhecimento humano.

A Modernidade inaugurou a “Era da Ética”. A pluralidade de condutas, a mescla de interesses, a ambivalência da vida de todos os dias, essas características não fazem parte do projeto civilizador desenhado pelo citado período histórico. Precisa-se da História para garantir a “infalibilidade” do futuro guiado pela Razão. Imortaliza-se o futuro como condição de se antever os efeitos benéficos criados pelo “mundo racional” no momento presente. O controle do imprevisível e sua possível erradicação é o triunfo da Razão Lógica.

A determinação sobre o que é o “bem” e o “bom”, bem como seus contrários, não pode ser elaborada pela mistura de percepções do homem comum. A trilha desenhada pelos seus interesses é confusa, ambígua, incerta. A ausência de um fundamento sólido, coerente, no qual a justifique demonstra como essa proposição é descompassada com os ideais do citado período histórico. Somente a autoridade do conhecimento pode liderar o homem comum para sua emancipação. A universalização

das condutas a partir dos códigos de ética torna-se o imperativo a caracterizar uma civilização como “moderna”.

Entretanto, a negação de autoridade à consciência moral e sua delegação para os peritos em Ética não cumpriu, de modo integral, seus objetivos de ordem e segurança. No decorrer do tempo, a matéria-prima para a composição da Ética – a Moral – esmaeceu. Esse fenômeno demonstrou que as agências supraindividuais seriam aquelas destinadas a enunciar o que é “correto” e “incorreto” a fim de promover a integração entre todos. A angustiante tarefa da escolha moral não pertence mais ao Sujeito, porém às mencionadas agências com um fator agravante: aos poucos, esse poder decisório sai do espaço público e migra ao privado. Quem determina o “bom” ou “mau”, agora, é o Mercado.

A decisão sobre a nossa condição moral não pertence ao ambiente público ou privado, mas a cada Pessoa. É necessário “comer da árvore do bem e do mal” a fim de saber que as escolhas morais denotam Responsabilidade. E essa possibilidade somente existe porque o Outro mostra, pela sua fragilidade de Ser, os limites do Ego. Nenhuma ação moral existe fora do contexto social. Por esse motivo, qualquer atitude é uma escolha moral. Envolve um juízo de preferência na qual não precisa ser fundamentado pela Razão Lógica. Essa é a legitimidade das emoções – um sentir algo com o Outro, um “ser-para” – na qual justifica a responsabilidade moral por meio da Alteridade e proximidade.

A “Era da Moral” é uma aporia. É necessário insistir nessa característica. Não há respostas simples, tampouco garantias infalíveis para seu aperfeiçoamento. Somente quando se compreender a natureza ambivalente, dúbia e incerta da Moral, a Ética deixará de se exigir a homogeneização das condutas como meio de se garantir ordem e segurança a todos. Verifica-se, a partir desses argumentos, que a hipótese elaborada para esta pesquisa foi confirmada. É o ir e vir entre a apreensão e a esperança, a angústia e o alívio na qual dignifica o ‘Ser Moral’. Ética e Moral crescem sob o mesmo solo fértil no qual o húmus é a Responsabilidade que se inova e reinventa na relação infinita do Eu e Tu. Esse é o horizonte utópico da Pós-Modernidade na qual se sabe, com maturidade, lidar com a Responsabilidade incondicional de todos com todos. A melodia foi entoada. É necessário paciência para ouvi-la.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- _____. **Ética pós-moderna**. Trad. de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. **Modernidade e holocausto**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **A vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Trad. de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2000.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000.
- PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática**. 11. ed. Florianópolis: Conceito Editorial/Millennium, 2008.
- _____. **Prática da pesquisa jurídica e metodologia da pesquisa jurídica**. 10. ed. Florianópolis: OAB-SC editora, 2007.
- ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011. Título original: First as tragedy, then as farce.